

**ALBANO MARTINS. *CIRCUNLÓQUIOS III*, PORTO: UNIVERSIDADE
FERNANDO PESSOA, 2016, 151 p.**

Prof. Dr. Álvaro Cardoso Gomes
Coordenador do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UNISA.

Albano Martins talvez seja o maior poeta português (ou de língua portuguesa) vivo e em plena atividade. Na altura dos seus muito bem vividos oitenta e sete anos, produziu livros de uma poesia original, avessa aos modismos e que manifesta um humanismo integral, como *A margem do azul*, *Vertical o desejo*, *Rodomele rododendro*, *Os patamares da memória*, *A voz do olhar*, *Escrito a vermelho*, *Palinódias*, *palimpsestos*, só para ficar em alguns títulos de uma produção regular, contínua. Poeta conciso, que não nega sua filiação aos clássicos, expressa, numa linguagem límpida, cristalina, mas rica em significados, um profundo afeto à Natureza, um culto aos sentidos, manifesto no modo como capta cores, sonoridades, perfumes e uma consagração do amor e do erotismo. E, se não bastasse isso, ainda manifesta a crença no poder das palavras, que, ao ver de sua voz poética, servem para desvelar aspectos inusitados do mundo, para justificar o nosso estar-aqui e para se contrapor à presença avassaladora da morte.

Mas nos limites deste texto, gostaria de chamar a atenção para a produção em prosa de Albano Martins, que veio, por meio dela, mostrando a face de um crítico sensível e arguto de poesia e artes plásticas e de observador atento de seu tempo, assumindo o papel de um verdadeiro cronista, a tirar das garras do Tempo e eternizar, por meio da palavra impregnada de poeticidade, cores, perfumes, sonoridades, espaços míticos e perfis imorredouros de pessoas. Esta faceta do poeta-prosador manifesta-se sobremaneira em seus livros intitulados *Circunlóquios*, em número de três. O primeiro e o segundo deles datam de 2000 e 2008. Já *Circunlóquios III* é de 2016 e é dele que pretendo tratar nesta resenha.

A palavra “circunlóquio” vem do latim *circumloquium* e significa “circunlocação, rodeios de linguagem, perífrase, circuito de palavras”. Eu ficaria com o último sentido, porquanto, ao que parece, o poeta-prosador traça no livro um “circuito”, não físico, mas metafórico, revisitando temas e tópicos recorrentes, espaços, todos eles contaminados pela aura da poesia. Como o rei Midas, tudo o que ele toca se torna ouro, ouro poético, a bem da verdade, o que nos faz acreditar que Albano Martins, pela magia da palavra perifrástica, ou seja, aquela que, em extrema concisão, exprime, utilizando-se de “rodeios de linguagem”, o

sumo das coisas e dos seres, reduzidos a seus elementos essenciais. No caso, o “prosaísmo” ou mesmo o “prosaico” cedem lugar ao poético, como se a “prosa” escrita pelo autor ganhasse uma nervura e uma coloração especiais, a ponto de, em alguns momentos, ser quase impossível determinar o gênero de seu livro. Albano Martins, desse modo, é poeta mesmo quando escreve em prosa.

Daí que valeria a pena se pensar numa categoria especial para ele, categoria essa em que se poderá, de certo modo, enquadrá-lo. Queria referir-me aqui à clássica categorização criada por Huizinga, em seu livro também clássico, *Homo ludens*, no qual o adjetivo “*ludens*” denomina um tipo de homem que, ao contrário do *homo faber* (e, por extensão, do *homo economicus*), longe de todo utilitarismo, se entrega ao prazer infantil do jogo, recuperando nele um pouco da criança que foi um dia. Tomaria a liberdade de propor a categoria do *homo poeticus*, bem próxima, aliás, ou mesmo confundida com a do *homo ludens*, visto que o *homo poeticus* entrega-se também ao jogo, ao prazer, voltando assim as costas ao cientificismo, ao racionalismo e cultuando a intuição, o imaginário. O seu propósito é o de fazer as palavras livrarem-se do sedentarismo, do utilitarismo e ajudarem a compor uma linguagem original, próxima daquela praticada *in illo tempore* e que era, ao mesmo tempo, luminosa, sonora, perfumada, a lembrar a que Baudelaire (e por que não dizer também Rimbaud?) procurava recuperar, para atingir uma totalidade perdida, quando se instalou o pecado da cisão entre o homem e a Natureza, por conta da atrofia de nossos sentidos.

Tomo a ousadia de dizer que é, pois, como *homo poeticus*, que Albano Martins perpetrou seus textos para *Circunlóquios III*. Se não vejamos: ao fazermos nosso circuito pelo livro, deparamos com segmentos, partes, em número de oito. Contudo, a uma primeira leitura, já se verifica que elas não são estanques e/ou fechadas em si mesmas, porquanto, como vasos comunicantes, intercambiam posturas, reflexões, temas. E nem podemos nos esquecer de que o fio comum e condutor que as liga é ditado pela voz única, peculiar, poética que contamina tudo com o sopro da poesia.

Mais do que se pensar nos segmentos que dividem o livro, talvez se devesse pensar em certos temas recorrentes, como, por exemplo, questões teóricas sobre o fingimento, o erotismo e a tradução e que encontram guarida não só em textos dedicados a eles, como também em textos que têm como tema outro tipo de reflexão. Gostaria de chamar a atenção, particularmente, para a questão do erotismo, peça basilar na poética de Albano, que viaja a contrapelo da moral cristã, ao cultuar o deus Eros, o que lhe permitiu criar pequenas obras-

primas dessa arte que sobrevaloriza o corpo, a beleza e o ímpeto sexual, como se pode ver, aliás, em alguns poemas que aparecem no livro, a ilustrar a relação entre Eros e a poesia:

De pé
és uma taça
cheia: deitada,
vinho derramado.
Por isso vivo
embriagado.

*

Pelas tuas pernas é que eu
Subiria ao céu.

Concisos, mínimos, celebram o prazer do sexo, através de que o “o amador” se transforma “na coisa amada”. A embriaguez poética é necessária para que o amador atinja a totalidade no céu, mas num céu concebido como o Olimpo, povoado por deuses e deusas, que eternamente bebem “o vinho acidulado e fresco” de Pessanha, enquanto celebram as cortes do amor.

Mas, além do erotismo, chamam-nos a atenção as reflexões sobre a tradução, sobre a relação entre a poesia e a pintura, todas elas desenvolvidas com equilíbrio e clareza. Praticante assíduo da tradução, haja vista que Albano Martins consagrou grande parte da vida para verter para o português poemas de Safo, Catulo, Alceu, Anacreonte, Leopardi, Ungaretti, Neruda, entre muitos outros, como não poderia deixar de ser, tem ele opiniões muito sólidas sobre essa arte, em que os mais afoitos se perdem, por não possuírem, além da sensibilidade poética, domínio suficiente dos dois idiomas, em que se dá o trânsito dos significantes e significados. De maneira precisa, ele nos dá a seguinte lição sobre o assunto: “uma vez que a língua do tradutor não dispõe no seu léxico, de termos equivalentes aos da língua original, há um só caminho: o recurso a perífrases”.

Há que se pensar igualmente na qualidade de Albano Martins como crítico, atividade manifesta nos diversos prefácios que escreveu ou nos comentários, *en passant*, que, de

quando em vez, mostram um olhar atilado de quem entende muito bem o que é o fazer poético. E notam-se, nessa atividade, duas posturas diversas, porém, complementares. De um lado, ele se comporta de modo afável, ao tratar dos livros que resenha ou de tópicos pertinentes ao mundo da poesia, tais como o erotismo, a tradução, a relação da poesia com a pintura, como já se disse. De outro lado, vem à tona o crítico mordaz, quando invectiva contra aqueles que cometeram injustiça com o poeta Raul de Carvalho, ao reduzir-lhe a importância frente a poetas medíocres da nova geração: “meia injustiça são as quatro páginas e meia ao poeta dedicadas pelos organizadores da mais recente antologia da poesia portuguesa, publicada, há alguns meses atrás, pela Porto Editora, da responsabilidade de dois poetas da nova voga, arvorados em defensores duma poesia ao nível do rés-do-chão e assim transformados em arautos do glorioso futuro das letras pátrias”. A ironia, a arma maior dos grandes críticos, ressuma nessas linhas, não para proteger o amigo, que não precisa, por sua grandeza, de proteção, mas para demolir um conceito de poesia dos novos tempos, que valoriza o lugar-comum, a vulgaridade. Com o assumir dessa postura de crítico de poesia, com uma postura intransigente, Albano Martins demonstra seu amor entranhado ao ofício de poeta.

Os demais textos contemplam pessoas e lugares, em cartas, palestras, testemunhos, textos impressos em jornais e revistas. Neles, o poeta, tomado pela afetividade, recupera, por meio da chamada *memória involuntária*, figuras de poetas e artistas que fizeram parte de sua geração e com quem continua a dialogar fraternalmente, ainda que alguns já tenham ido para o lugar onde moram as sombras. Figuras fundamentais da poesia e da arte moderna portuguesa desfilam diante de nós, vivas e luminosas, como os poetas e artistas plásticos António Ramos Rosa, Raul de Carvalho, Ledo Ivo, Eugénio Lisboa, Luís Demée, entre outros. Se não bastasse isto, essa mesma memória recupera os espaços sagrados de antigos cafés, onde jovens poetas, voltando as costas à estupidez da ditadura salazarista, reuniam-se para criar revistas, discutir textos literários, apresentar suas produções. O *homo poeticus* privilegia uma voz sensível, emotiva, ao recuperar tais espaços que sobrenadam num tempo imemorial, num tempo sem tempo, graças ao sopro dessa palavra original que faz perpetuar o que é sublime.

É isso tudo que dá valor a esta obra em “prosa” de Albano Martins – a capacidade de insuflar vida no que o Tempo devorou ou aparentemente devorou ou mesmo quis devorar. O *homo poeticus* está aí para enfrentá-lo e derrotá-lo. Felizmente.

